



JUDÔ: ONDE ESTÁ O CAMINHO SUAVE?

JUDO: WHERE IS THE EASE ROAD?

RESUMO

Este relato teve o intuito de apontar algumas questões que não estão indo ao encontro do que foi preconizado por Jigoro kano ao idealizar o Judô. Neste sentido, teceu-se alguns comentários sobre as transformações observadas na prática do Judô em função do tempo; as diferenças culturais que dificultam o entendimento dos princípios do Judô e, com isto, a não utilização destes tanto na prática como no cotidiano e, ainda, comentários sobre a dificuldade de se transmitir uma arte marcial que exige persistência àqueles que não a tem, além de levantar sobre a diferença entre ser judoca e lutador de Judô. Deste modo, com tal abordagem, pretendeu-se instigar praticantes, lutadores, professores e judocas, a conhecer, a compreender, a aprofundar e a continuar aprimorando, e também para que reflitam, critiquem, discutam e, principalmente, que não deixem o caminho suave se tornar de vez, totalmente ríspido.

Palavras-chave: judô, filosofia, arte

ABSTRACT

This report had the intention of pointing some concerns with Judo practice that are discordant with Jigoro Kano's ideas when he idealized Judo. In this way, some comments on how Judo practice is changing over time; the cultural differences that hinder the understanding of Judo principles and their application in practice as well as in everyday life are presented. There is also a discussion on how difficult is to teach this martial art that requires persistence to those who lack it. It also describes the difference between being judoist and a Judo fighter. Therefore, this approach aims to motivate practitioners, fighters, teachers and judoists to know, understand and deepen their knowledge about Judo. But it also has the goal to help them to contemplate, criticize and discuss their practices so that they do not leave the ease road to a totally rough one.

Key words: Judo; philosophy; art.

¹ DEF/CDS/UFSC – Programa de pós-Graduação

INTRODUÇÃO

Dissertar atualmente sobre suavidade no Judô é uma tarefa difícil e considerada um tanto quanto polêmica, na medida que este, na maioria das vezes, vem sendo praticado apenas para fins competitivos. Por outro lado, o intuito deste ponto de vista é apresentar aos leitores evidências de que uma arte que foi idealizada com base em pressupostos éticos, morais e religiosos, cujo idealizador tinha uma visão de mundo diferenciada das outras artes marciais da época, a qual dentre outros objetivos, deveria visar o bem estar comunitário.

Assim, com base na vivência prática da modalidade e, buscando mostrar que mesmo os campeões podem trilhar o caminho suave literalmente, é que se propôs a apresentação deste ponto de vista.

Para tal, abordou-se conteúdos norteadores sobre: as transformações observadas na prática do Judô em função dos tempos; as diferenças culturais que dificultam o entendimento dos conteúdos inerentes aos princípios que fundamentam a filosofia do Judô, assim como a falta de embasamento para tal; a não aplicação dos princípios judoísticos retratados, entre outras, na utilização errônea da força e conseqüentemente a falta de autodomínio, autoconhecimento; as atitudes antidesportivas presenciadas em competições de Judô; a falta de persistência dos iniciantes e discutir objetivos pré-determinados para reverter esse quadro e, por fim, abordar sobre a diferença em ser um lutador de Judô e um judoca.

Transformação em função do tempo

Para que possamos dissertar sobre uma arte mundialmente divulgada e praticada, especificamente, no Brasil, por mais de 3 milhões de judocas, vamos nos valer de um trecho da palestra do curador do museu do Judô Kodokan, Naoki Murata, ministrada em 2003, dando boas vindas aos participantes do V World Máster Championship, na Kodokan – Tóquio – Japão¹.

Murata¹ fez uma analogia entre a mudança significativa de uma frase, quando se usa de uma brincadeira, que aqui se chama de “telefone sem fio”, com as mudanças que vêm ocorrendo na prática do Judô, com o passar dos tempos, com as transformações que vêm ocorrendo neste, e se assim continuar, futuramente terá se transformado em algo muito diferente para o qual foi idealizado.

Quando Murata¹ aborda sobre as transformações que vêm ocorrendo na prática do Judô, é no sentido de não se estar mais ministrando conteúdos ideológicos da modalidade, conteúdos referentes ao histórico, as bases religiosas e filosóficas que nortearam as decisões de Jigoro Kano para idealizar o Judô. Conteúdos sobre os significados da formulação de uma nova forma de Jiu-Jitsu.

Essas transformações colocadas, vêm ao encontro dos achados por Santos et al.² e Silva e Santos³ que detectaram o pouco conhecimento apresentado por técnicos e lutadores de Judô, sobre as bases teóricas e conseqüentemente aplicação das mesmas tanto no tatame quanto no cotidiano. Os conteúdos obtidos nos estudos que constata e afirmam a colocação de Murata, podem ser observados desde os fundamentos utilizados na modalidade até em um “chiai” (confronto competitivo) propriamente dito. A exemplo a saudação inicial, a qual em grande parte dos locais que se pratica Judô, não se realiza mais da maneira tradicional, e pior, os praticantes não sabem o que se pronuncia durante a execução das mesmas e muito menos sobre o significado dos diferentes tipos de saudações. Outras mudanças ocorridas, que apontam para o pouco conhecimento das bases teóricas de uma arte BUDO, é a forma como os atletas tratam seus companheiros hierarquicamente mais graduados e, principalmente, a falta de humildade dos que “acham” estar em posição superior aos demais, por ter vencido um ou outro campeonato e/ou ainda, por serem mais graduados.

Cita-se o BUDO, haja vista que as artes marciais japonesas são chamadas de budo, quando estas possuem conotação filosófica, sendo que *bu* significa “marcial” ou “militar” e *do* “caminho” - caminho das artes marciais. Em resumo, as artes marciais com esta conotação têm a tarefa de contribuir na evolução do homem, ajudando-o a enfrentar e encarar a realidade com energia e coragem. A meta é descobrir o caminho de cada ser humano dentro das suas limitações e possibilidades. O homem, em sua evolução física e espiritual passa pelo estágio primário, secundário, atingindo um nível superior. Esta busca de perfeição deve ser o caminho da vida, que a cada dia se aprimora. Esta escolha do caminho permite ao homem viver, sentir, perceber, aperfeiçoar-se, enriquecendo-se até a morte. Esta busca deveria ser consciente por aqueles que praticam artes marciais com conotações filosóficas, buscando assim o caminho suave.

Os dois procedimentos citados anteriormente e outros mais que serão abordados, reforçam a transformação que a prática do Judô vem apresentando, no sentido de estar trilhando um caminho que difere do preconizado para este tipo de arte.

As diferenças culturais que dificultam o entendimento dos conteúdos inerentes aos princípios que fundamentam a filosofia do Judô

Vislumbrando a literatura que se tem acesso, sabe-se os anos de estudos e dedicação, bem como, as preocupações de Jigoro Kano para elaborar um outro tipo de Ju-Jitsu que fosse capaz de explicar não apenas as fases de ataque e defesa de uma disputa; elaborar um estilo que não se findasse apenas na

execução de técnicas e preparo físico, mas também com a construção do caráter, da moral e da espiritualidade, ou seja, que a prática do Judô em todas as suas abrangências fosse para a vida.

Por outro lado, como o Judô, após sua idealização, teve seus grandes propagadores que foram diretamente discípulos de Jigoro Kano e assim sucessivamente, com o passar dos tempos, em virtude de muitos fatores, (“telefone sem fio”), foi se modificando, pois os conhecimentos eram passados apenas na prática, na execução, sem comentários e sem apresentação dos muitos fatores necessários para uma prática alicerçada. Além do que, os mestres orientais com cultura diferenciada não entendiam as dificuldades dos ocidentais em responder as solicitações da modalidade, por não terem embasamento para tal. Este fato pode em parte explicar porque a prática do Judô perdeu a verdadeira essência sob a qual foi idealizada.

Corroborando com as colocações que muitas das mudanças e perdas acontecem em função das diferenças culturais, entre oriente e ocidente, vamos utilizar como exemplo, as colocações de Borges⁴, o qual, comenta com muita propriedade, que a confusão efetuada pelos ocidentais entre espiritualidade e religião, normalmente ocorre por falta de base teórica, levando ao não entendimento quando se fala no Judô como meio de desenvolvimento físico e espiritual, ou seja, o Judô praticado como caminho suave.

Para Borges⁴, divulgar o Judô, trazê-lo para o ocidente, necessitava mais que a transmissão do aporte prático da modalidade, mas sim possibilitar bases culturais, pressupostos que apresentem de forma clara para o ocidental de certos procedimentos e até mesmo os significados dos conceitos, princípios e máximas. Pressupostos esses que estão inerentes ao conhecimento interno do indivíduo, prática não freqüente do ocidental, a exemplo a prática da meditação, do silêncio, do conhecimento do eu - autodomínio.

Ainda, utilizando as colocações de Borges⁴, pode-se afirmar que “O Judô foi pautado em valores éticos e humanitários profundos, os quais buscam uma prática de equilíbrio entre corpo e mente, esboçado nas disciplinas, nos movimentos harmoniosos da física cosmológica, no esquecimento do “eu individual”, na superação do aspecto marcial, na fraternidade, no desenvolvimento do interior, na estética e eficiência, na superação da força, dentre outros princípios antigos e firmemente alicerçados na cultura milenar japonesa, por que não dizer dos mestres orientais” (p.3).

Deste modo, com a falta de conhecimento de ambas culturas, os mestres ensinavam o Judô restringindo-se a passar e fazer executar sem maiores preocupações de explicar as causas e efeitos do que estava sendo ensinado.

Ainda hoje, com “sensei” (professores de Judô) que vem da geração da reprodução de conhecimento,

é muito comum de se observar em “dojôs” (local de prática do Judô), quando da entrada de um iniciante no grupo, é passado para um mais graduado e no primeiro dia, sem saber sequer os significados, já está sendo projetado. Este é um fator que causa o maior número de abandono de iniciantes⁵, além de outros transtornos em termos físicos e psicológicos que este tipo de ação poderá desencadear, haja vista a importância do fundamento “ukemi” (amortecimento de queda) para a prática.

A não utilização dos princípios judoísticos e as consequências de tal.

Infelizmente, as distorções ocorridas na arte advindas do tempo, são oriundas de vários fatores, e com isso se está perdendo a sua maior riqueza, o conhecimento de forma aplicada dos princípios judoísticos, que compõe a filosofia de vida mediante a prática do Judô.

Quando se comenta que o Judô possui filosofia de vida, é no sentido de que Jigoro Kano, criou o Judô com a influencia de uma combinação dos conceitos do Budismo, Xintoísmo, Confucionismo e Taoísmo, conceitos esses que fazem parte da cultura religiosa e filosofia de vida do povo japonês.

Assim, utilizando desses conceitos e na forma de passar aos discípulos, espelhando-se em Confúcio, Jigoro Kano desenvolveu para os praticantes de Judô uma filosofia de natureza não religiosa, sendo um sistema de moral que se aplica a todas as situações de vida.

Deste modo, nove dizeres de Jigoro Kano foram nomeados por princípios do Judô, além de outras frases complementares e outros dois dizeres, foram chamados de máximas por serem o pressuposto básico da prática, sendo o SEIRYOKU-ZENYO que significa a máxima eficiência com o menor gasto de energia e o JITA-KYOEI, que significa bem estar e benefícios mútuos⁶. A primeira máxima, considerada universal por Murata¹, pois se aplica a todo aspecto das atividades humanas, e a segunda se baseia no objetivo que Jigoro Kano defendeu em termos de disciplina, ou seja, aperfeiçoar a si mesmo e dar a contribuição positiva à sociedade.

Tamanha é a profundidade destas duas máximas, que elas deveriam ser trabalhadas, discutidas, aplicadas, reforçadas em todas as aulas e/ou sessões de treinamento, já que o ocidental tem dificuldade em relacionar a prática com o desenvolvimento do seu “eu”. Se esta prática fosse efetivada desde a iniciação, aí sim, ter-se-ia o Judô praticado como foi idealizado, voltado para auxiliar no desenvolvimento do seu praticante de forma holística.

Um das frases complementares de Jigoro Kano, que é inerente ao princípio máximo do menor uso de energia, está relacionado à força, o qual, de acordo com Arpim⁷, é vencer o hábito de usar a força contra a força que é uma das coisas mais difíceis do treinamento do Judô. Caso não se consiga isto, não

se pode esperar progresso.

A questão da utilização da força no Judô é um tema polêmico, principalmente entre os judocas mais experientes. Sugai⁸, em um dos seus textos divulgado na página eletrônica da Federação Paulista de Judô, abordou a questão de “não se faz mais Judô como antigamente” e/ou “hoje vemos um Judô força”.

Esse tipo de comentário, que é muito efetuado por antigos mestres e judocas da década de 40 e 50, são no sentido de não mais se utilizar um Judô com princípios filosóficos, com arte e isto implica utilização do Seiryoku – Zenyo, a não utilização da força, e sim a utilização, de forma racional, tanto da sua quanto da força do oponente (somatória de forças), ou seja, o Judô suave.

Se este princípio fosse apresentado para o iniciante, inclusive utilizando a física básica para tal explicação, certamente facilitaria o entendimento, pois a partir da compreensão da utilização dos momentos de força, dos torques, dos raios segmentares, além do aperfeiçoamento de técnicas mais apropriadas ao seu biotipo⁹, aí sim, a sua força adquirida através de treinamento eficiente, somada a decisões compreendidas, ter-se-ia tanto um Judô de formação quanto de performance, indo ao encontro de como foi idealizado.

Por outro lado, quando Sugai⁸ comenta que “Judô é Judô, e o que está se fazendo é um Judô feito sob medida para as competições atuais e, em função disso, está sendo largamente ensinado antes da hora” (p.1), talvez, possa-se dizer que a preparação física está sendo, ou pelo menos deveria estar sendo efetuada sob medida para as competições atuais, haja vista o aparato científico que propicia tal preparação em todas as modalidades esportivas. No entanto, quando Sugai⁸ cita que se está ensinando antes da hora, quem sabe está se cobrando antes da hora, quem sabe não se está dando base teórica e prática e, ainda, um aporte físico, psíquico e espiritual; quem sabe não falte inicialmente a formação de um judoca de essência para depois, se for o caso, formar um atleta.

Enfim, são muitos os conhecimentos necessários para que um profissional que trabalha com o Judô desenvolva seu trabalho de maneira eficaz, pois além do conhecimento de formação inerente àqueles que trabalham com o corpo, deveriam utilizar a riqueza deste esporte, que inclusive o diferencia de muitos outros e lançar mãos de metodologias para ensinar a utilizar dentro e fora do dojô, os princípios que compõem a rica filosofia que, infelizmente, poucos têm conhecimento.

Falta de persistência dos iniciantes e como reverter esse quadro.

Atualmente, em função da educação de berço contemporânea dos ocidentais, na qual não se impõe limites, não se impõe regras e muitas menos exigências, fica cada vez mais difícil se utilizar uma

disciplina mais rígida em qualquer arte marcial, mesmo porque a palavra persistência não é aplicada. O jovem acostumado a ter tudo com facilidade, a não lutar por muita coisa, e a nunca ouvir não, ao primeiro percalço, que normalmente é não vencer uma competição, acaba por desistir da prática.

Tiba¹⁰ afirma que os pais é que reduzem os filhos, pois estão criando futuros adultos sem poder de crítica e sem iniciativa, à medida que pensam por eles, e resolvem tudo por eles. Assim, cabe ao sensei possibilitar meios para que a criança, o adolescente e quem sabe até o adulto efetue uma prática, desenvolvendo a persistência, que só pode ser desenvolvida à medida que se desenvolve o gosto pelo que se está fazendo.

Deste modo, quando se apresenta a modalidade com significados de forma que ocorra o acolhimento e a resposta (fases iniciais da taxionomia do desenvolvimento afetivo de Bloom¹¹), o iniciante começa a desenvolver o interesse, aceitar a disciplina e as exigências da modalidade e assim, gradativamente, irá ocorrendo a valorização, organização e caracterização (fases intermediárias e final da taxionomia de Bloom¹¹), que explicam a aceitação e a adoção de um valor adquirido, ou seja, o iniciante começa a não só praticar com maior prazer à modalidade, mas também a utilizar-se dela no seu cotidiano, auxiliando no desenvolvimento da vontade e da moral, na formação do caráter do sujeito.

Os significados dos movimentos que estão sendo realizados, devem ser apresentados desde os primeiros encontros, a começar pela própria forma de se adentrar ao dojô, a saudação ao se colocar os pés no tatame, a saudação para o “sensei” e para os “sepai”, a saudação inicial. Estes rituais ensinados com os devidos significados são os primeiros passos para contribuir na educação e no desenvolvimento do respeito mútuo. Pois, para que realmente uma atividade esteja contribuindo para o que se proclama de educação global, todos os movimentos devem ter conteúdo explicativo e não apenas executar por executar. É muito comum observar, saudações sendo efetuadas mecanicamente, muitos não sabem nem o sentido muito menos o que se pronuncia em uma saudação inicial e final³.

Outro fator que deve ser trabalhado é conteúdo convergente a cinestesia, pois à medida que o aluno for observando sua própria evolução este fator favorece a persistência, ou seja, incentiva a procura de aprimoramento, aliás este é o primeiro princípio do Judô “conhecer-se é dominar-se e dominar-se é triunfar”.

Deste modo, para que seja desenvolvido um domínio de forma global (corpo, mente e espírito) de nossos judocas, deve-se propiciar o entendimento dos seus próprios corpos. Este domínio, desenvolvido através das atividades que devem ser aplicadas desde a iniciação, deve objetivar desenvolver a percepção

corporal, a relação do corpo no espaço, a lateralidade e outros¹².

Sentir o corpo, aprender a dominá-lo, observar a posição em relação ao oponente é primordial na prática do Judô, assim como no cotidiano de qualquer ser humano. Por outro lado, o que se observa, são atividades realizadas repetidamente, corrigidas pelo professor, mais sem ser percebida, pensada, enfim sem trabalhar e desenvolver o domínio cinestésico. Só se pode ter conhecimento de si mesmo com atitudes conscientes, a partir do momento que se conhece as próprias possibilidades e limites é que se tem domínio para triunfar, como citado no princípio.

Este trabalho consciente deve ser realizado em todas as fases de desenvolvimento da prática, ou seja, do iniciante ao mais graduado. O ato repetitivo para o domínio de uma técnica, que é chamado de uchikomi, tem que ser realizado de forma consciente, crítica, analisando a cada repetição o movimento correto do “kuzushi” (desquilíbrio), do “tsukuri” (preparação da técnica) e “kake” (aplicação da técnica). Sendo o Judô uma modalidade de destreza aberta, todas as ações e reações dependem de uma análise rápida, daí a importância de um auto-domínio, e isto se aplica também a situações de vida. Utilizando uma frase de Lao Tse para reforçar a importância do primeiro princípio aplicado à prática e ao cotidiano – “Conhecer os outros é sabedoria, conhecer a si próprio é iluminação”.

Diferença entre ser um lutador de Judô e um judoca.

Ao ler o desabafo efetuado por Santos¹³, frente às atitudes de pessoas envolvidas, direta e indiretamente com Campeonato Paulistano Juvenil e Júnior, em outubro de 2003, acredito e reforço a afirmação de Murata, quando enfatiza que o Judô está se transformando.

O ocorrido em São Paulo gerou vários textos dando enfoque ao texto inicial “A decadência dos ensinamentos do mestre Jigoro Kano”. Um deles, escrito por Paschoal¹⁴, aborda como o Judô era lembrado por todos como disciplinador. A disciplina era trabalhada nos dojôs, e, ao contrário do que os praticantes atuais descrevem como limitada, castradora, utilizada só para orientais que baixam a cabeça para tudo, era uma disciplina que auxiliava na formação da personalidade do praticante, auxiliava no desenvolvimento da chamada vontade e da moral, a qual complementamos com os termos, desenvolvimento da força de vontade, da persistência, do espírito vencedor, enfim de um bom caráter.

Neste sentido, vale ressaltar, um ditado popular japonês, que “as espigas de arroz, cheias, inclinam-se, as vazias levantam a cabeça”. Estas atitudes nobres e modestas, que certamente gera bons resultados, explica entre outras coisas, o significado da já comentada saudação, da ênfase na questão

da humildade, comentada em um dos princípios “somente se aproxima da perfeição quem a procura com constância, sabedoria e, sobretudo humildade”. Também se pode utilizar uma frase de um autor não identificado que “quanto mais a faixa escurece mais a cabeça desce”.

Com base nas colocações anteriores utilizo um texto sem identificação de autor, publicado na página eletrônica da FPJ¹⁵, “... são muitos campeões que passaram longe da essência. Foram campeões, mas apenas isso. Apenas força física. Faltou o mais importante, ser judoca e não apenas um lutador. No amanhã desses atletas, quando lhes faltar a força e a agilidade, nada terão feito para mostrar, para ensinar. Vem daí alguns péssimos professores que encontramos, explorando de maneira imprudente” (p.5), é que ressalto a importância e contribuição de formarmos judocas e não apenas lutadores de Judô, pois o primeiro fica para sempre e o último é como todo atleta de esportes de competição, tem vida útil limitada.

Deste modo, formar um judoca é possibilitar a ele o conhecimento teórico deixado por Jigoro Kano, de forma que este aprenda a esperar o momento certo para agir; aprenda que o importante não é vencer o oponente mas sim a si próprio; aprenda que o judô deve ser praticado como benefício para toda a sua vida e não apenas para um período desta; aprenda a respeitar a si e aos outros; aprenda a ser solidário; aprenda a preservar tudo e todos; enfim, aprenda a ser um judoca de essência para que cada dia aprenda um pouco mais para utilizar esse saber para o bem.

Assim, para que se tenha verdadeiros judocas, judocas de essência e não apenas lutadores de Judô, a forma como se está trabalhando o Judô deve ser repensada, no sentido de se aliar prática competitiva à prática educativa, pois antes de ser um campeão de podium ser um campeão na vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o propósito deste ponto de vista, gostaria de ressaltar que todos os comentários aqui efetuados, tiveram por objetivo primordial, gerar reflexões dos que ministram, praticam e apreciam esta arte, no sentido de:

- repensar uma prática que sirva não apenas como um período que se exige ao máximo do judoca, visando competição, mas pensar em um Judô para a vida, como uma continuidade de prática mantenedora, e mais, uma prática real do “caminho suave”.
- praticar as técnicas de ataque defesa, aprimorar o conhecimento do eu através da prática dos katas e dos atemi-waza;
- utilizar o “mukuso” para reforçar tanto os princípios do Judô, quanto do nintai (perseverança, paciência) do doryoku (esforço, empenho) e do hisshyô (ei de vencer).

Por fim, este também é um desabafo de uma professora que se dedica ao ensinamento e aprendizagem constante dessa arte já a mais de 20 anos e que sinceramente espera que os nossos jovens judocas, competidores ou não, pois vale lembrar que o aspecto competitivo motiva a grande maioria dos praticantes, não deixem morrer os pressupostos ideológicos que um grande homem, elaborou com tanto empenho, com tanta paciência e com riqueza de pressupostos teóricos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CPJ. Palestra Kodokan. Palestra Proferida por Naoki Murata no V Word Máster Championship. Kodokan. Tóquio. Japão. Tradução Alexandra Rabczuk. [on line] 2004; 4. Disponível em <http://www.fpj.com.br/artigos/artigos.php?id=pale_kudokan_18-08-2003.htm> [2004 mar 18].
2. Santos SG dos, Fiorese UOC. Estudo sobre a aplicação dos princípios judoísticos na aprendizagem do judô. Rev Educ Fís/UEM. 1990; 1(2):11-14.
3. Selva D, Santos SG dos. Princípios filosóficos do judô aplicado à prática e ao cotidiano. Revista Digital. 2005; 10(86):1-5.
4. Borges E. O judô e suas simbologias ocidentais. [artigo on line]. 2003; 3. Disponível em <<http://www.judobrasil.com.br>> [2003 nov 24].
5. Umeda OU. A motivação em crianças de oito a dez anos à prática de judô. [Monografia de Especialização – Programa de Pós-Graduação em Educação Física]. Maringá (PR): Universidade Estadual de Maringá: 1985.
6. Virgílio S. A arte do judô. Campinas: Papyrus; 1986.
7. Arpin L. Livro de Judô: de pé. Traduzido por Micheline Christophe. Rio de Janeiro: Record, 1970.
8. Sugai V. Judô força um Judô eficiente. Afinal, que Judô é esse? [artigo on line]. 2004; 2. Disponível em <http://www.fpj.com.br/artigos/artigos.php?id=judo_forca_um_judo_eficiente.htm> [2004 mar 19].
9. Santos SG dos, Melo SIL, Pires-Neto CS. Proporcionalidade corporal e a relação com a técnica de preferência. Rev Educ Fís/UEM. 1993; 4(1):45-49.
10. Tiva I. Livro – quem ama educa. São Paulo: Editora gente; 2002.
11. Bloom BS, Krathwohl DR, Masia BB. Taxionomia de objetivos educacionais: 2 domínio afetivo. 5.ed. Porto Alegre: Globo; 1977.
12. Harrow AJ. Taxionomia do domínio psicomotor: manual para elaboração de objetivos comportamentais em educação física. Rio de Janeiro: Globo; 1983.
13. Santos LA dos. A decadência dos ensinamentos do mestre Jigoro Kano. [artigo on line]. 2003; 1. Disponível em <http://www.fpj.com.br/artigos/artigos.php?id=dec_ens_mest_jk.htm> [2003 out 14].
14. Paschoal CAP. Ainda sobre o artigo “a decadência dos ensinamentos do mestre Jigoro Kano”. [artigo on line]. 2004; 4. Disponível em <http://www.fpj.com.br/artigos/artigos.php?id=ainda_sobre_artigo_20-08-2002.htm> [2004 mar 19].
15. Federação Paulista de Judô. **Judô** [artigo on line]. 2004; 8. Disponível em <<http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.soucatolico.com.br/home/judo/kano3.gif&imgrefurl=http://www.soucatolico.com.br/home/judo/indice.htm&h=129&w=109&sz=14&tbnid=0k9UUHpOk8sJ:&tbnh=84&tbnw=71&start=6&prev=/images%3Fq%3DGOLPES%2BDE%2BJUDO%26hl%3Dpt-BR%26lr%3D%26ie%3DUTF-8%26sa%3DG>> [2004 agos 23].

Endereço para contato:
 Profª Drª Saray Giovana dos Santos
 DEF/CDS/UFSC – Programa de pós-Graduação
 saray@cds.ufsc.br

Recebido em 6/10/05
 Revisado em 21/02/06
 Aprovado em 10/03/06